

Berlindes Astrid Küchemann\*

Este livro relata uma experiência de planejamento participativo realizada por e com mulheres na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, entre 1980 e 1985, tendo como tema gerador a mulher e a questão da sua saúde.

Essa experiência insere-se no contexto de um trabalho que integrava o Programa de Desenvolvimento de Comunidades Urbanas da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMD), em colaboração com o Unicef e a FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais). Ao Unicef coube colaborar no desenvolvimento de metodologias alternativas para serviços básicos em que membros dessa comunidade eram treinados e remunerados para prestar serviços à sua comunidade. À FLACSO, a partir de 1982, coube o apoio técnico ao programa já estabelecido na área de saúde da mulher.

O trabalho na Rocinha visava a "abrir um espaço para a participação de mulheres de baixa renda na definição de suas necessidades e na elaboração de propostas dirigidas a atendê-las, dentro de uma preocupação geral com as condições sociais de reprodução humana" (p. 9).

Para atingir esse objetivo a equipe técnica, formada por mulheres, optou pela metodologia da pesquisa-ação, uma vez que esta privilegia a participação efetiva da população-alvo do programa em todas as suas fases. Um trabalho de mulheres visando mulheres e sua saúde, mediante a metodologia da pesquisa-ação é, sem dúvida, uma experiência pioneira no Brasil.

O livro, belíssimo, descreve a experiência vivida ao longo de cinco anos com as mulheres da e na Rocinha, sem se descuidar, em momento algum, de colocar o leitor a par das questões teóricas que guiaram o trabalho empírico e prático tão característico da pesquisa-ação.

Assim sendo, antes de relatar o trabalho de campo propriamente dito, a equipe relatora teve o cuidado de colocar de maneira sucinta e precisa o problema a ser investigado, cotejando-o com as implicações de ordem teórico-metodológicas.

Como esse trabalho envolvia, numa mesma pesquisa, tanto o conhecimento da realidade e a capacitação de agentes comunitários, como a cooperação científica com o setor público, a equipe teve de servir a vários senhores ao mesmo tempo, não se descuidando, porém, de problematizar o alcance de projetos participativos no âmbito estatal. Aqui, o papel do técnico (aquele que vem de fora), merece destaque. Aliás, sendo a equipe de apoio composta de técni-

---

\* Ph.D. pela Universidade de Bielefeld/RFA e professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

cos da FLACSO e do Unicef, a questão do papel da técnica em projetos dessa natureza dizia-lhes diretamente respeito. A preocupação em torno do papel do técnico está presente ao longo de todo o livro, mas não de maneira abstrata, mas em forma de uma "postura assumida". A equipe crê ter transmitido a idéia de um papel que rejeita tanto o "ir atrás do grupo" quanto o de "caminhar na frente", afirmando: "rejeitamos o papel do técnico que espera tudo do grupo e o técnico que supõe que tudo está nele" p. 91).

É um relato minucioso, mas não cansativo, como alguns relatórios costumam ser. Permite ao leitor acompanhar passo a passo o desenvolvimento dessa pesquisa, desde o acercamento das técnicas à comunidade e o programa já em execução na Rocinha, passando pela escolha da contra-parte, seleção e treinamento dos agentes comunitários, escolha dos instrumentos adequados para o levantamento desses dados, preparação das entrevistadoras até a codificação e análise dos dados, bem como o estabelecimento das linhas prioritárias de ação.

É sem dúvida um relato ímpar. Mostra como as mulheres da Rocinha deixaram de ser "mero objeto de estudo" para se tornarem protagonistas ativas, tanto no levantamento de suas necessidades e de suas reivindicações, quanto na análise crítica dos resultados, na elaboração de propostas de soluções, na avaliação das estratégias de ação e na implementação de algumas delas.

O resumo dos principais temas discutidos pelos grupos de mulheres que se formaram a partir da pesquisa, privilegiando a forma como foram discutidos, atestam a boa qualidade do trabalho realizado pelo conjunto de mulheres.

Aos pesquisadores, planejadores e técnicos em geral o relatório, a meu ver, deixa dois recados básicos. Primeiro, que a pesquisa-ação dá lugar a uma rica interação entre participantes e técnicos nela envolvidos e apresenta-se como um caminho metodológico adequado para desenvolver processos de intervenção na realidade. Como a pesquisa-ação não tem como objetivo primeiro a geração de um novo conhecimento, mas a apropriação de conhecimentos e significados já presentes na nossa cultura e a discussão e avaliação grupal dos limites, adequação e possibilidade dos mesmos, o seu campo não pode ser visto nem como substituto, nem tão pouco como mero complemento da pesquisa científica. Ela opera em outros níveis e com outros objetivos dos da pesquisa acadêmica. O segundo recado diz respeito à questão da "objetividade científica": neste trabalho a equipe descobre o valor das relações afetivas que incidem fortemente nas relações dos participantes, e opina que "merecem ser revistas as avaliações que consideram a falta de afetividade como medida de objetividade ou de trabalhos controlados" (p. 13). O forte elo afetivo que se criou ao longo do trabalho, e que acabou envolvendo todos os participantes, foi fato positivo nos resultados alcançados, embora ressaltando que esse "enorme investimento afetivo deve também ser questionado, avaliado e repensado" (p. 13), e que uma "Sociologia das Emoções" pode contribuir na clarificação de muitos dos momentos de aprendizagem da pesquisa-ação" (p. 13).

Dentro de um espírito que visa a "socializar o conhecimento, cabe mencionar ainda o guia metodológico desenvolvido pela equipe, contendo valiosas sugestões sobre o emprego da pesquisa-ação, sugestões essas elaboradas a partir da experiência da Rocinha. Serve de guia metodológico para projetos de pesquisa-ação na área de saúde, destinado a técnicos e pesquisadores interessados em desenvolver programas locais de educação em saúde para mulheres, mas que facilmente pode ser adaptado para outras áreas e grupos.

Concluindo, considero *Mulheres, Participação e Saúde: uma experiência* um livro básico para todos aqueles que queiram tanto iniciar-se como aprofundar-se na metodologia da pesquisa-ação.

MUSUMECI, Leonarda. (1988). *O Mito da Terra Liberta*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, ANPOCS.

Fausto Miziara\*

Este livro apresenta, com algumas modificações, a tese de mestrado da autora, fruto de um trabalho de campo realizado entre 1978 e 1980 e defendida no Museu Nacional da UFRJ em abril de 1985, além de ter sido laureada com o prêmio da ANPOCS de 1986.

Através de uma pesquisa de campo em região de fronteira (povoado do Barro Vermelho, município de Poção de Pedras, Maranhão), a autora pretende mostrar a inconsistência da abordagem dualista referente à problemática capitalismo X campesinato. A concepção dualista parte do pressuposto de que existem lógicas distintas regendo cada um dos "pólos" dessa oposição. Essa abordagem privilegia a apropriação diferencial do meio de produção fundamental: a terra. Desse modo, a posse (apropriação especificamente camponesa) opõe-se à propriedade privada do modo de produção capitalista. Essa apropriação diferencial determina outra série de oposições: terra de trabalho X terra de negócio; "economia do excedente" X "economia de mercado"; mão-de-obra familiar X trabalho assalariado. Segundo esta visão, o camponês utiliza a terra livre para garantir a reprodução da unidade familiar, utilizando basicamente a força de trabalho desta unidade, sem objetivo de lucro. A terra não é apropriável em si mesma, mas apenas como suporte para o trabalho. Teríamos, então, a caracterização de dois "mundos" diferentes, onde a observação de elementos estranhos ao "sistema camponês", dentro deste sistema, já o descaracteriza e implica a perda de sua "pureza".

---

\* Sociólogo e aluno do Mestrado em Sociologia da Universidade de Brasília.